

## NOSSA SENHORA DOS TORMENTOS

Lucia Castello Branco (1)

"Estou me sentindo mal, diria a mulher para o médico. É que a senhora vai ter um filho. E eu que pensava que estava morrendo, responderia a mulher. A alma deformada, crescendo, se avolumando, sem nem ao menos saber que aquilo é espera. Às vezes, ao que nasce morto, sabe-se que se esperava." (LISPECTOR, 1999: 122)

Diante dos olhos do leitor, desenrola-se a cena: a mulher apresenta ao médico seu sintoma — "estou me sentindo mal" — e o médico apresenta à mulher, prontamente, um diagnóstico: gravidez. E antes que nos precipitemos com alegria em direção à boa nova que aí se anuncia, o texto nos adverte: "e eu que pensava que estava morrendo". Assim responderia a mulher, se lhe fosse dado responder. Assim responderia o leitor, talvez, se lhe fosse dado nomear sua agonia diante desse texto que não se resolve.

Para essa agonia, Clarice Lispector tinha um nome: escrever. O que, em grande parte das vezes, pode ser lido por um outro nome: esperar. "Sofrimento de esperar", diz-se lá em algumas regiões do interior das Minas. Sofrimento de esperar o que já nasce morto e só então se pode saber que aquilo é espera.

Diante dessa cena, a gravidez, com toda a aura milagrosa que a circunda, perde o seu véu de beleza: o filho — o texto — é esse natimorto que esperávamos sem saber. E a alma do escritor é esse volume disforme, crescendo, se avolumando.

Esse fragmento de Clarice, que justamente se intitula "Escrevendo", lançando-nos na agonia de um interminável gerúndio, lança-nos também no que ela chamaria de exercício de paciência — "cada vez mais acho tudo uma questão de paciência, de amor criando paciência, de paciência criando amor" — e abre-se, curiosamente, para um destino que poderíamos circunscrever, provisoriamente, como o "destino feliz" de alguns escritores - o silêncio:

Além da espera difícil, a paciência de recompor paulatinamente a visão que foi instantânea. E como se isso não bastasse, infelizmente não sei 'redigir', não consigo 'relatar' uma idéia, não sei 'vestir uma idéia com palavras'. O que vem à tona já vem com ou através de palavras, ou não existe. — Ao escrevê-lo, de novo a certeza só aparentemente paradoxal de que o que atrapalha ao escrever é ter de usar palavras. É incômodo. Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira ou de alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado pelo caminho da palavra. Faria o que tanta gente que não escreve faz, e exatamente com a mesma alegria e o mesmo tormento de quem escreve, e com as mesmas profundas decepções inconsoláveis, não usaria palavras. O que pode vir a ser a minha solução. Se for, bem-vinda."

(LISPECTOR, 1999: 122-3)

Esse "destino feliz", que não se distanciaria das "profundas decepções inconsoláveis" e do "tormento", Clarice o localiza como um "degrau acima" da escrita. Nesse degrau acima, do silêncio, lugar infinitamente mais ambicioso que o da escrita, situam-se aqueles que podem não escrever: "Até hoje não sabia que se pode não escrever. Gradualmente, gradualmente, até que de repente a descoberta muito tímida: quem sabe, também eu poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável." (LISPECTOR, 1999: 31)

Mas este lugar, sabemos, não seria o de Clarice, aquela que dizia escrever não por prazer, mas porque havia sido incubida. Para essa escritora, que tanto queria escrever uma história linear que começasse com "era uma vez", só restaria o destino do tormento: "Era uma vez um pássaro, meu Deus" (LISPECTOR, 1999: 21). E, desde então, a partir do espanto inicial, estaria instaurado o que ela mais tarde definiria como o tormento da escrita: como escrever, se não se pode escrever o que pede para ser escrito? Como não escrever, se o que não pode ser escrito se impõe como uma incumbência, um destino, uma maldição?

"Tormento: ato ou efeito de atormentar; tortura, aflição, desgraça", nos dizem os dicionários. "Atormentar: infligir tormentos a; afligir, torturar; mortificar-se". Algumas escritas situam-se neste ponto: o da mortificação. Não todas — algumas. E aí não parece haver saída, pois não se trata, como bem observa Blanchot, do instante da minha morte (BLANCHOT: 1996), mas de um estar a morrer, infinitamente, no texto.

Alguns textos, nascidos desse tormento, são capazes de esquecê-lo, por alguns instantes, para escreverem justamente o que escaparia ao tormento da escrita. Outros não. Outros, nascidos também do tormento, são incapazes de não escrever o tormento, situando-se nesse ponto de impasse tão bem circunscrito por Marguerite Duras, em *Escrever*:

Escrever.  
Não posso.  
Ninguém pode.  
É preciso dizer: não se pode.  
E se escreve.

(DURAS: 1994)

Este o destino de alguns, dos que não se calam. Estes, mortificados pela errância infinita da palavra, perseveram na escrita para além do instante da morte. E escrevem. Como se dissessem, neste mesmo instante: "Eu estou vivo. Não, tu estás morto." (BLANCHOT, 1996: 17)

Mas como é possível *morrer* na escrita, se é justamente a morte o que nos impede de morrer? Uma vez mortos, não há mais morte no horizonte e as questões da morte e da imortalidade, sempre colocadas pela obra, deixam de existir. Por isso é preciso *estar a morrer*, perseverar nessa morte, perseverar nessa escrita, no infinito do verbo que é também o infinito da Literatura.

Disso sabia Borges. Disso sabe Blanchot, que persevera na escrita, a repetir, infinitamente, que a literatura caminha para o seu desaparecimento. E é justo em seu percurso em direção ao desaparecimento que a Literatura é capaz de atravessar o infinito, ir de um ponto a outro. Porque a Literatura "não é simples engano, é o perigoso poder de caminhar para o que é, graças à infinita multiplicidade do imaginário":

A verdade da literatura estaria no erro do finito. O mundo em que vivemos e tal como o vivemos é, felizmente, delimitado. Bastam-nos alguns passos para sairmos do nosso quarto, alguns anos para sairmos da nossa vida. Mas suponhamos que, neste estreito espaço, subitamente obscuro, subitamente cegos, nos descaminhávamos. Suponhamos que o deserto geográfico se tornava o deserto bíblico: já não é de quatro passos, já não é onze dias que precisamos para o atravessar, mas do tempo de duas gerações, mas de toda a história de toda a humanidade, e talvez ainda mais. Para o homem medido e de medida, o quarto, o deserto e o mundo são lugares estritamente determinados. Para o homem desértico e labiríntico, votado ao erro de um empreendimento necessariamente um pouco mais

longo que a sua vida, o mesmo espaço será verdadeiramente infinito, ainda que saiba que o não é tanto mais quanto melhor o souber.

(BLANCHOT, 1984: 103)

O escritor é este homem desértico e labiríntico, votado ao erro de um empreendimento necessariamente um pouco mais longo que a sua vida, submetido infinitamente à errância do verbo. Daí também o seu tormento, pois a errância do verbo o habita desde sempre e para sempre, mesmo quando ele se cala, ainda quando ele se cala, mesmo quando ele fala do que não é o tormento e ainda mais quando o tormento nele se põe a falar. O que faz de um escritor esse sujeito sempre atormentado pelo tormento da escrita e, estranhamente, pelo tormento de não escrever, como assinala Kafka em carta a Max Brod:

O escrever continua me mantendo, mas não seria mais apropriado afirmar que conserva esse tipo de vida? Com isso não quero dizer naturalmente que minha vida seja melhor quando não escrevo. Em tais ocasiões é até pior e completamente insuportável e há de desembocar na loucura. Mas isso só sob a condição de que, como resulta ser na realidade, *também sou escritor quando não escrevo*, e um escritor que não escreve é de fato uma quimera que provoca a loucura.

(KAFKA, 1983: 175)

Mas é justamente esta a loucura, o degrau acima a que aspirava Clarice, o degrau acima em que se situa, na perspectiva de Blanchot, Joseph Joubert, o "autor sem obra, escritor sem escrito" (BLANCHOT, 1984). Porque sabe que o livro não é a obra, mas um amontoado de palavras estéreis, Joubert encarna o escritor por excelência, aquele que abre mão da glória de publicar livros, não deixando, contudo, de habitar, infinitamente, a solidão essencial da obra.

Ocorre que o escritor (alguns escritores) volta a por mãos à obra. Porque, embora saiba que o livro não é a obra (ou justamente por isso), acredita "apenas que a obra está inacabada e crê que um pouco mais de trabalho, a chance de alguns instantes favoráveis permitir-lhe-ão, somente a ele, concluí-la (...) Mas o que quer terminar continua sendo o interminável." (BLANCHOT, 1987: 13)

Trabalho — eis o outro nome de seu tormento. Trabalho, do latim *tripalium*; instrumento de tortura. O escritor é aquele que se põe a trabalhar infinitamente a obra, mas a obra não lhe pertence, é ele quem pertence à obra e o que lhe pertence é somente um livro. (BLANCHOT, 1987: 13) Como trabalhar infinitamente a obra, se trabalhá-la significa estar desde sempre e *para sempre a morrer*, quando é a morte não exatamente o que nos impede de viver, mas justamente de morrer?

Diz Freud, em "Além do princípio do prazer", que a pulsão de vida faz com que a vida perdure até encontrar sua melhor forma de morrer. "A vida só quer morrer", dirá Lacan, parafraseando Freud. De maneira análoga, podemos dizer que a Literatura só quer morrer. Talvez a Literatura — o espaço literário — possa mesmo ser definida como esse lugar para morrer. Infinitamente. E, no entanto, aquilo que a abriga — o livro — é preciso que ele se construa como esse amontoado de palavras estéreis que, em sua finitude, abrigam o infinito.

O escritor sabe disso. Mas não sabe. E por isso escreve. Porque muitas vezes, como se lê nas palavras de Lacan sobre Duras, o escritor não sabe que escreve nem o que escreve: "Ela não deve saber que escreve, nem aquilo que escreve. Porque ela se perderia. E isso seria uma catástrofe." (DURAS, 1994: 19) Ao que Duras prontamente responderia: "A partir do momento em que se está perdido e que não se tem mais o que escrever, mais o que perder, aí é que se escreve." (DURAS, 1994: 21)

Na errância infinita do verbo, estamos todos perdidos. No entanto, é possível pensar, de certa maneira, que haverá sempre os que já perderam e os que ainda vão perder. O escritor é esse sujeito errático que já perdeu e que ainda vai perder. Por isso, na errância infinita do verbo, o escritor é também aquele que não está perdido. E por isso escreve. E por isso é escritor, desde sempre e para sempre, mesmo quando se cala.

Só o escritor pode dizer: não se pode. E, desse lugar da impossibilidade, escrever. Como se repetisse, a despeito da morte que escreve e do *estar a morrer* a que a escrita o submete:

"Eu vou envelhecer com os cabelos puxados para trás \_\_\_\_\_  
cabelos grisalhos, corpo cheio, rugas e concentração narrativa  
vou envelhecer  
com os cabelos puxados para trás e sem quebra das minhas escalas musicais,  
apenas a seqüência dos números dos episódios se quebrará  
uma grande deflagração \_\_\_\_\_  
que já começara a subir nos céus de Herbais e que aqui, na serra, à  
beira-mar, atinge a forma de chuva horizontal onipresente \_\_\_\_\_  
ensurdece o ar e adensa o nevoeiro que sempre, até aqui, quiseram trocar  
projectos comigo  
volto ao espelho,  
interrogo os olhos,  
e sua superfície de bondade,  
e sei que não quero outra para viver, e continuar a morrer"

(LLANSOL)

Porque o escritor é também aquele que, ainda que submetido à escrita, essa Nossa Senhora dos Tormentos, é capaz de buscar um final feliz, mesmo (ou sobretudo) quando esse final feliz reside no mal-estar e na morte: "Eu ando a contar o mal-estar profundo dos seres humanos, dos animais e das plantas" — diz sua escrita — "ando à procura de um final feliz". (LLANSOL)

A Literatura só quer morrer. A Literatura só quer viver para continuar a morrer, diriam alguns escritores. Nisso, talvez, resida o seu final feliz. Mesmo (ou sobretudo) se é do tormento que sua escrita nasce, a Literatura pode talvez um dia encontrar o seu final feliz nessa boa morte que é também o seu nascedouro:

"Nocturnamente, pela vertente da abertura, que é paredes meias com  
a morte,  
tudo é interrogado e pesado, a tudo se exige a apresentação de um  
certificado de consistência, ou, mais exactamente,  
que revele qual o seu valor de apoio  
afectos, laços humanos, expectativas, perfis de pensamento,  
tudo passa pelo crivo intransigente da noite, até que se atinja \_\_\_\_\_  
se houver algo que resista à devastação interrogativa \_\_\_\_\_  
a base da espiral sobre que giram os destinos dispersos da minha vida,  
todas essas coisas que dizem eu a falar de mim, como se o meu corpo  
não recebesse, todos os dias, ordem se morrer;  
mas, todos os dias, uma projecção de sucedidos,  
rios sobre lagos,  
lagos sobre fontes,

fontes sobre cascatas,  
cascatas sobre lágrimas,  
tenta abrir caminhos por terrenos movediços vindos do lugar onde fui  
criada antes de ser concebida; e eu só,  
a sós comigo (um sou engolido e sabressaindo à tona), tentando unificar  
as sombras inimigas,  
peço apoio ao ambo, ao texto, à floresta e aos animais  
porque demasiado implacáveis se podem mostrar as sombras da vida  
peço apoio aos que não têm onde se apoiar,  
àqueles que conhecem com mais qualidade a força da sombra e da exclusão  
e o recado que recebo é sempre idêntico (até que o meu sou veja que assim é)  
o sem-apoio apoia-se na falta de apoio  
que leio (ou a ler)  
o poema é sem-apoio.

(LLANSOL)

Então é isso: a Literatura é o sem-apoio que apoia o sem-apoio que é o escritor. Disso advém a sua consistência que é também a sua leveza, como observava Calvino: "a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso do viver. (CALVINO, 1993: 39) Só a palavra literária é capaz da leveza. Por isso a palavra literária é também capaz de nos levar, de nos transportar para bem longe do tormento a que própria escrita literária nos submete.

É dessa leveza, nascida justamente do tormento, que nos fala Baudelaire, no magnífico "Levana e as Três Nossas Senhoras das Tristezas". Diz o texto:

"Muitas vezes, em Oxford, vi Levana em meus sonhos. Conhecia-a pelos seus símbolos romanos. Mas quem é Levana? Era a deusa romana que presidia às primeiras horas da criança, que lhe conferia, por assim dizer, a dignidade humana. Na ocasião do nascimento, quando a criança provava pela primeira vez a atmosfera perturbada do nosso planeta, punham-na no chão. Mas quase logo, com medo de que uma tão grande criatura rastejasse no solo mais do que um instante, o pai, como mandatário da deusa Levana, ou qualquer parente próximo, lavantava-a ao ar, ordenava-lhe que olhasse para cima, como sendo o rei desse mundo, e apresentava a frente da criança às estrelas, dizendo-lhes talvez em seu coração: 'Contemplai aquele que é maior que vós!' Este ato simbólico representava a função de Levana. E esta deusa misteriosa, que nunca mostrou suas feições (exceto para mim, nos meus sonhos) e que nunca agiu por delegação, tira o seu nome do verbo latino levar, erguer no ar, manter elevado. Naturalmente, várias pessoas entenderam por Levana o poder tutelar que vigia e rege a educação das crianças. Mas, não pensem que se trate aqui dessa pedagogia que reina apenas com alfabetos e gramáticas; deve-se pensar sobretudo 'nesse vasto sistema de forças centrais que está escondido no seio profundo da vida humana e que trabalha incessantemente as crianças, ensinando-lhes sucessivamente a paixão, a luta, a tentação, a energia de resistência'. Levana enobrece o ser humano por quem vela, mas com meios cruéis. É dura severa essa boa ama, e entre os processos que usa para aperfeiçoar a criatura humana, aquele que sobre todos prefere é a dor. Três deusas lhe são submetidas, que emprega em seus desígnios misteriosos. Assim como há três Graças, três Parcas, três Fúrias, como primitivamente havia três Musas, há também três deusas da tristeza. São elas as Nossas Senhoras das Tristezas. Vi-as muitas vezes conversando com Levana, e algumas vezes mesmo conversando comigo. Então, elas falam? Oh! Não. Estes poderosos fantasmas desdenham as insuficiências da linguagem. Podem proferir

palavras através dos órgãos do homem, quando habitam num coração humano, mas, entre si, não seservem da voz, um eterno silêncio reina nos seus reinos..."

(BAUDELAIRE)

Um eterno silêncio reina nos reinos dessas três Nossas Senhoras: Nossa Senhora das Lágrimas, Nossas Senhoras dos Suspiros e Nossa Senhora das Trevas. E é por esta última, naturalmente, que Baudelaire se dirá subjugado, esta que há de atormentar o seu coração até que as outras duas tenham "desenvolvido as faculdades do seu espírito". Mas, para além das três, há Levana, aquela que "enobrece o ser humano por quem vela".

Só Levana é capaz de levar o poeta além do tormento, elevando à dignidade da Coisa o que há de atormentar para sempre o seu coração. Pois, como observa Clarice Lispector,

Existe uma coisa que é mais ampla, mais surda, mais funda, menos boa, menos ruim, menos bonita. Embora também essa coisa corra o perigo de, em nossas mãos grossas, vir a se transformar em 'pureza', nossas mãos grossas e cheias de palavras. (LISPECTOR, 1964: 63)

Só assim, sustentado por esse ponto de sem-apoio que é a Literatura, a leveza pode se dar. Sublime leveza de Levana, em seu movimento de elevar no ar, *levare*, aquilo que a tortura de um trabalho — *tripalium* — reduziu a resto, a lixo, a livro.

E assim, aquilo que há de nascer morto pode voltar a nascer, infinitamente, para *estar a morrer*, infinitamente, na cena da escritura. E aí a queixa da mulher-escritora ao médico — "Doutor, estou me sentindo mal" — pode ser lida não apenas como um sintoma — "satisfação às avessas" (2) —, mas como uma estranha incumbência que Levana lhe tenha atribuído, não sem antes (e para sempre) passar por suas Nossas Senhoras das Tristezas.

E só aí — nessa pena de escrita, sua pena de morte — quem sabe a alma avolumada do escritor possa encontrar a leveza. E, elevada no ar, possa, então, voar.

#### Notas:

(1) Professora de Literatura da Faculdade de Letras da UFMG. Escritora, autora de *A Falta* (Record, 1997) e *Livro de Cenas Fulgor* (2 Luas, 2000), dentre outros.

(2) Esta é a definição de sintoma dada por Lacan em *Le séminaire. Livre V. Les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil, 1998. P. 319-334: Les masques du symptôme.

#### Referências Bibliográficas:

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa. Ensaios, Novelas e Escritos íntimos/Paraísos artificiais*.

BLANCHOT, Maurice. *L'instant de ma mort*. Paris: Fata Morgana, 1996.

\_\_\_\_\_. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. P. 13.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*. Lisboa: Relógio D'Água, 1984.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KAFKA. *Escritos de Franz Kafka sobre sus escritos*. 2 ed. Barcelona: editorial Anagrama, 1983.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, drama poesia?* pp. 128-173. (Inédito)

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* 3 ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1964.

\_\_\_\_\_. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.